

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM AOS ADOLESCENTES NA ATENÇÃO BÁSICA

Jorgeanny Dantas de Araújo¹

Francisca Jocilânia Dantas²

Nayane da Silva Souza³

Marcelo Costa Fernandes⁴

¹Acadêmica de Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande, araujojorgeanny@gmail.com

²Acadêmica de Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande, jocilaniadantas8@gmail.com

³Acadêmica de Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande, @nayaneeecicero@hotmail.com

⁴Doutor em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará/UECE - Fortaleza (CE), Brasil. Docente da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Tecnologias de Informação e Comunicação em Saúde - LATICS / UFCG / CNPq. Cajazeiras (PB), Brasil. E-mail: celo_cf@hotmail.com

RESUMO: Trata-se de um estudo teórico reflexivo a partir de conceitos nucleares de Pierre Bourdieu relacionado com produções científicas sobre educação em saúde realizada pelo Enfermeiro da Atenção Básica ao adolescente. Segundo o Ministério da Saúde a Atenção Básica é o primeiro nível de atenção em saúde e se caracteriza por um conjunto de ações de saúde, no âmbito individual e coletivo, que abrange a promoção e a proteção da saúde, a prevenção de agravos, o diagnóstico, o tratamento, a reabilitação, a redução de danos e a manutenção da saúde com o objetivo de desenvolver uma atenção integral que impacte positivamente na situação de saúde das coletividades. Esse cenário de atenção possui como protagonista o Enfermeiro, que detém uma gama de ações, tendo como destaque a educação em saúde, que é a principal ferramenta de prevenção e promoção da saúde. No contexto atual, geralmente essa educação ainda segue o modelo verticalizado, sendo marcada pela violência simbólica. A violência simbólica é a dominação de uma classe sobre a outra, ou seja, quando uma classe dominante, que carrega o reconhecimento de uma superioridade e legitimidade, desvalorizando o saber e o saber fazer da classe dominada impõe de forma sutil seu “conhecimento absoluto”. Dessa forma, nota-se necessário vislumbrar a importância da promoção de capacitações para o enfermeiro direcionadas ao atendimento ao público adolescente, para que este como ator político-social, ou seja, um agente no processo de mudança social, por meio da educação em saúde como método de ensino dialógico, possa aprender a respeitar e potencializar a autonomia do usuário na luta por melhores condições de saúde.

Palavras-chaves: violência; educação em saúde; enfermagem; adolescentes.

INTRODUÇÃO

No contexto da Atenção Básica (AB) o enfermeiro desempenha diversos papéis, sendo eles o assistencial, o gerencial e a educação em saúde. A educação em saúde, por sua vez, é uma estratégia para a promoção da saúde, priorizando dentre outros objetivos, o empoderamento do sujeito para o autocuidado. No contexto atual, geralmente essa educação ainda segue o modelo verticalizado, contraditando o anteriormente citado. Essa educação bancária se percebe em especial ao público adolescente, sendo marcada pela violência simbólica.

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2012), a AB é o primeiro nível de atenção em saúde e se caracteriza por um conjunto de ações de saúde, no âmbito individual e coletivo, que abrange a promoção e a proteção da saúde, a prevenção de agravos, o diagnóstico, o tratamento, a reabilitação, a redução de danos e a manutenção da saúde com o objetivo de desenvolver uma atenção integral que impacte positivamente na situação de saúde das coletividades.

Esse cenário de atenção é formado principalmente pela Estratégia de Saúde da Família, constituída por uma equipe multiprofissional, porém possui como protagonista o Enfermeiro, que detém uma gama de ações, tendo como destaque a educação em saúde, que é a principal ferramenta de prevenção e promoção da saúde.

Porém, como destacado anteriormente, essa educação ainda segue o modelo tradicional, ou seja, concepções com foco no saber biomédico e na transmissão de informações, não incorporando os aspectos simbólicos e subjetivos e os modos de ser e viver dos indivíduos. Essa educação se percebe em especial ao público adolescente, marcada pela violência simbólica.

A adolescência abrange um período de profundas transformações do decorrer do desenvolvimento humano, que abarca não só as mudanças físicas do corpo, como também biopsicossociais. Tais modificações, de maneira tão abrupta, favorecem, ao adolescente, ser vulnerável a variadas questões que põe em risco tanto a sua saúde corporal como mental. Esse período entre infância e idade adulta gera inúmeras incertezas e inseguranças a estes sujeitos, dos quais necessitam de apoio familiar, escolar e também dos serviços de saúde com vistas a práticas de promoção e proteção da saúde, bem como prevenção de doenças, almejando com isso, mais qualidade de vida.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define adolescência como sendo o período da vida que começa aos 10 anos e termina aos 19 completos (BRASIL, 2010). A adolescência configura-se como uma das fases mais importantes do desenvolvimento humano, marcada por profundas transformações morfológicas, fisiológicas, psicológicas

e comportamentais. Tais peculiaridades predisõem o adolescente a uma vulnerabilidade que põe em risco sua saúde de forma integral, sendo necessário apoio familiar, escolar, social e dos serviços de saúde formando assim uma rede integrada que favoreça e dê suporte à promoção de sua saúde (COSTA et. al., 2015).

Embora, no âmbito da AB, as ações de promoção, prevenção, reabilitação, redução de danos e manutenção da saúde opera tendo em vista as mais variadas fases da vida na busca de um cuidado integral do indivíduo, por parte dos profissionais não há uma preocupação específica ao desenvolvimento de ações direcionadas ao público jovem, reduzindo as práticas cuidativas à queixa atual e desvalorizando o adolescente como protagonista do seu processo saúde, doença e cuidado (HIGARASHI et al., 2011), ou abordando apenas a sexualidade desses atores sociais em momentos esporádicos, caracterizando o que Pierre Bourdieu denominou de violência simbólica.

Face ao exposto, o presente estudo objetivou: refletir sobre a violência simbólica na educação em saúde do profissional de Enfermagem aos adolescentes na Atenção Básica.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo teórico reflexivo a partir de conceitos nucleares de Pierre Bourdieu relacionado com produções científicas sobre educação em saúde realizada pelo Enfermeiro da Atenção Básica ao adolescente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo será com base nos conceitos nucleares de Pierre Bourdieu em especial a violência simbólica e o poder simbólico relacionados à educação em saúde dos Enfermeiros aos adolescentes na AB.

Segundo o sociólogo Pierre Bourdieu (2007), o poder simbólico é um poder que se deixa ver menos ou que é até mesmo invisível. Esse poder se exerce pela ausência de importância dada a sua existência, fundamentando e movimentando uma série de outros poderes e atos e só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.

O poder simbólico se edifica e se revela através do que Bourdieu chamou de sistemas simbólicos, sendo eles a arte, a religião, a língua, a ciência e o mito. A partir de tais sistemas, o poder simbólico constrói a crença da realidade, criando uma nova visão de mundo, entretanto se articula por meio de estratégias de dominação organizadas e

esquemáticas, tornando desnecessário o uso da força física. A nova face do poder torna perceptível o discurso dominante, interagindo, com a proposta de tornar oficial o pensamento e as demandas de um grupo ou dos agentes dominantes, que detêm o saber, a cultura, o capital e até mesmo a força (FERNANDES, 2016).

É assim que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra, ou seja, a violência simbólica, reafirmando a sua própria força que as fundamenta e contribuindo assim, para a domesticação dos dominados (BOURDIEU, 2007).

Na violência simbólica a cultura aceita é a da classe dominante, que carrega o reconhecimento de uma superioridade e legitimidade, desvalorizando o saber e o saber fazer da classe dominada impondo de forma sutil seu “conhecimento absoluto”. Esta linha de conhecimento nos remete a educação bancária descrita por Paulo Freire, onde o educador sendo membro da classe dominante usa de sua posição social para o repasse de conhecimentos, sem considerar o contexto e os saberes do educando.

Na visão Freiriana a educação bancária, é um método desconectado das realidades social, política, econômica, cultural e epistêmica, ou seja, terminam por desconhecer os homens como seres históricos, depositando um saber hierarquizado que parte daquele que detêm o saber para o que é considerado leigo, sendo assim incapaz de gerar outra coisa que não uma alienação intelectual dos educandos (FREIRE, 2011).

Na Atenção Básica a violência simbólica se faz presente quando o Enfermeiro deixa o seu papel de facilitador e utiliza da educação bancária, depositando saberes pré-estabelecidos e que não dão margem à contextualização do adolescente, fugindo assim das reais necessidades do mesmo, ou focando apenas no processo saúde-doença. Essa educação bancária marcada pela violência simbólica não proporciona uma condição de emancipação do adolescente na promoção de sua saúde, contradizendo a educação considerada ideal por Freire.

Educação em Saúde exige disponibilidade para o diálogo e respeito aos saberes dos adolescentes onde o enfermeiro como educador, mostrando coerência entre seu saber e suas ações, deve compreender as diferenças do outro, não podendo se adaptar ao saber ingênuo desse grupo populacional, mas também não podendo impor-lhes arrogantemente seu saber como o verdadeiro e absoluto. É necessário que se estabeleça uma associação do tema abordado com a experiência social do indivíduo para que este desenvolva reflexão crítica e torne-se autor principal do seu auto cuidado (FREIRE, 2016).

Considerando a adolescência como uma fase de diversas mudanças passíveis de conflitos de ordem física, psicológica, social e sexual, ressalta-se a necessidade de uma abordagem educativa assertiva e de qualidade com perspectivas problematizadoras. Sendo assim, o enfermeiro deve atuar como facilitador do processo educativo, favorecendo o desenvolvimento de estratégias que irão trabalhar com a prevenção e promoção da saúde desse grupo, partindo da realidade dos usuários, de suas experiências, vivências e necessidades, considerando que saúde não é apenas ausência de sintomas, mas sim uma interação positiva de todos os aspectos que influenciam a vida de determinado sujeito (SALUM; MONTEIRO, 2015).

A existência de políticas públicas unicamente não constitui condição suficiente para garantir uma atenção adequada voltada para a população adolescente. É essencial que sejam viabilizadas estratégias para a implementação destas políticas, de forma planejada e por meio de ações que levem em conta o adequado preparo dos profissionais para atuar junto a esta clientela específica, transformando o atendimento pontual e esporádico ao adolescente numa atividade de cunho continuado, com o qual o adolescente possa de fato contar, como protagonista do seu processo de desenvolvimento global (HIGARASHI et al., 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de na maioria das vezes passarem despercebidos, o poder simbólico e a violência simbólica estão presentes na educação em saúde feita pelos enfermeiros aos adolescentes na AB. A não percepção pode partir tanto da classe dominante, os enfermeiros, que não tendo conhecimento da situação ou não objetivando mudanças continuam por perpetuar a prática, como da classe dominada, os adolescentes, que não detendo saberes sobre seus direitos acabam por aceitar tais condições.

Portanto observa-se que há restrição da liberdade, visto que o adolescente como ser livre e em processos de transformações em diversos aspectos e dimensões e necessitado de informações, se depara com saberes reducionistas, aos quais são depositados sem haver uma associação com sua realidade.

Dessa forma, nota-se necessário vislumbrar a importância da promoção de capacitações para o enfermeiro direcionadas ao atendimento ao público adolescente, para que este como ator político-social, ou seja, um agente no processo de mudança social, por meio da educação em saúde como método de ensino dialógico, possa aprender a respeitar e potencializar a autonomia do usuário na luta por melhores condições de saúde.

Propõem-se, por conseguinte, que novos estudos sejam desenvolvidos, apontando um direcionamento correto no desempenho das práticas educativas e da visualização do adolescente por esses profissionais. Para tanto sugere-se o desenvolvimento de pesquisas de cunho intervencionista que trabalhem com os enfermeiros vislumbrando as mudanças necessárias na sua prática.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. **Departamento de Atenção Básica**. Brasília, 2012.
http://dab.saude.gov.br/portaldab/smp_o_que_e.php acesso em: 21 de Setembro de 2017.

COSTA, R. F. et. al. Adolescent support networks in a health care context: the interface between health, family and education. **Rev. esc. enferm.** USP vol. 49, n. 5, São Paulo, 2015.

FERNANDES, M.C. **Identidade profissional do enfermeiro na atenção básica: enfoque nas ações de gerência do cuidado expressas nas articulações do campo e *habitus***. 157f. Tese (Doutorado) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 53 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016. 16p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 42p.

HIGARASHI, I. H. et al. Atuação do enfermeiro junto aos adolescentes: identificando dificuldades e perspectivas de transformação. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 375-80, 2011

SALUM, G. B; LUCIANA, A. S. M. Educação em saúde para adolescentes na escola: um relato de experiência. **Rev Min Enferm.** 2015 abr/jun; 19(2): 246-251.